

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

GABRIEL NUNES SILVA TELES

INFÂNCIAS TRANSGRESSORAS

HISTÓRIAS DE CRIANÇAS ALÉM DAS ESTATÍSTICAS

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2020

GABRIEL NUNES SILVA TELES

INFÂNCIAS TRANSGRESSORAS
HISTÓRIAS DE CRIANÇAS ALÉM DAS ESTATÍSTICAS

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Profa. Dra. Mirtes de Moraes.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2020

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

À minha mãe, Maria Aparecida Nunes da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Mirtes de Moraes, por todo conselho, indicação e auxílio. Obrigado por ter acreditado na minha ideia e ter apostado tanto no meu trabalho. Agradeço ao Centro de Comunicação e Letras do Mackenzie por toda oportunidade e experiência que me apontam para uma excelente trilha profissional. Obrigado aos meus colegas de classe, que me acompanharam nessa trajetória, à minha mãe e meu pai, que sonharam junto comigo. Agradeço à comunidade transexual e travesti brasileira. O fruto deste trabalho é de vocês. Seguimos juntos nessa luta.

RESUMO

O presente estudo deu base à produção do livro-reportagem “Infâncias transgressoras: Histórias de crianças além das estatísticas”. A peça teve como objetivo o retrato de mulheres trans e travestis a partir da perspectiva de seu crescimento e adolescência, ilustrando vidas jovens que sofreram os perigos e obstáculos de viver no Brasil, país que mais mata mulheres trans no mundo, segundo apuração da organização internacional *Transgender Europe*. A pergunta-problema que circundou o trabalho foi como produzir um relato humanizado, que fosse além das brutais estatísticas que os veículos midiáticos cobrem acerca do cotidiano trans. Por meio de uma série de entrevistas, o livro apresenta personagens, reconstrói trajetórias e dá nomes a uma parcela da população socialmente negligenciada. Aliando dados factuais às realidades das fontes, a obra é capaz de problematizar a transfobia institucional, com o intuito de suscitar no leitor o entendimento da urgência de políticas públicas para proteção da população travesti e transexual brasileira.

Palavras-chave: Jornalismo humanizado; infância trans; livro-reportagem travestis.

ABSTRACT

The research presented in this document is the basis for the production of the book “Transgressor childhood: stories of children beyond the statistics”. The project had as its main purpose the figure of trans women and transvestite from the perspective of their adolescence, illustrating young lives that suffered the dangers and difficulties of living in Brazil, ranked first among the world’s deadliest countries for trans community, according to an international organization called Transgender Europe. The problem addressed in the project was based on how to produce an humanized report that could go further than the brutal statistics media outlets cover around trans community. Through interviews, the book presents characters, reconstructs paths e gives out names to a part of the socially neglected population. By gathering factual data to the source’s realities, the book is able to question structural transphobia, aiming to make the readers understand the urgency of public politics to protect Brazilian trans community.

Keywords: Humanized journalism; trans childhood; news report transvestite.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. A CONSTRUÇÃO DO CORPO TRAVESTI NA INFÂNCIA.....	12
1.2. O PADRÃO ADOLESCENTE.....	14
1.3. PAPEL DO LIVRO-REPORTAGEM NA RECRIAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	15
1.4. JORNALISMO HUMANIZADO NO RETRATO DA MORTE TRAVESTI.....	17
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	18
2.1. DEFESA DO TEMA.....	18
2.2. PLANEJAMENTO DE EXECUÇÃO.....	18
2.3. ENFOQUE E ABORDAGEM.....	20
2.4. DETALHES DAS FONTES.....	21
2.5. PROJETO GRÁFICO E ESCOLHA DA CAPA.....	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
4. REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como tema a infância e adolescência de mulheres travestis e transexuais brasileiras. Há poucos dados específicos sobre essa população no país, porque os levantamentos sociais costumam compreender toda a comunidade LGBTQIA+, que inclui lésbicas, gays, bissexuais e outras identidades agrupadas no espectro da diversidade sexual. Entretanto, segundo o *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil*¹, divulgado em 2019 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), mulheres trans são expulsas de casa aos 13 anos, em média. Seu desenvolvimento e maturação são interrompidos pelas violências, ainda em idades tão jovens, e encontram já na rejeição familiar um futuro de exclusão.

O documento também aponta que mais de 90% das travestis e transexuais no Brasil vivem unicamente da prostituição, o que mostra as dificuldades e obstáculos de oportunidades no mercado de trabalho formal. E, ainda, o canal de denúncias de violações contra os Direitos Humanos, Disque 100, registrou 1.792 agressões contra LGBTs em 2014². Dessas, uma em cada seis foram cometidas por parentes das vítimas - 79 pelos pais, 74 por irmãos, 70 por companheiros, tios ou cunhados, e 57 por outros familiares. Ou seja, uma série de relatórios, números, dados e estatísticas ilustram, de certa forma, um panorama do cotidiano oprimido da mulher trans e travesti no Brasil.

O país é o que mais mata pessoas trans no mundo, respondendo por 46,7% dos homicídios registrados dessa população globalmente, entre 2008 e 2016, segundo apuração da organização de apoio à comunidade trans sediada na Suécia, chamada *Transgender Europe*³. Essa compilação registrou 900 assassinatos de pessoas trans no Brasil no período citado, quase metade do total global de 2.016 casos reportados. Por outro lado, uma pesquisa realizada pelo site de vídeos

¹ BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Org.). **D Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

IKEMOTO, Luísa. **TRANSEXUAIS E TRAVESTIS SOFREM VIOLÊNCIA DENTRO DE CASA. Brasília, 2017**. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexuais-e-travestis-sofrem-violencia-dentro-de-casa>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

³ LOUREIRO, Gabriela. **Agressões em casa, discriminação e risco de morte: os dramas das 'refugiadas' trans brasileiras**. BBC, 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37999436>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

pornográficos RedTube⁴ confirmou que o Brasil também é o que mais busca conteúdo erótico trans no site adulto. A seção “shemale”, termo utilizado por sites eróticos para descrever travestis, é a quarta mais procurada no país. Assim, enquanto há a fetichização do corpo trans online, de maneira anônima nas abas da internet, o levantamento do site Gênero e Número⁵, organizado a partir de dados obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan, parte do Ministério da Saúde), via Lei de Acesso à Informação, mostrou que 11 pessoas trans foram agredidas por dia em 2017.

Com números alarmantes para uma causa socialmente negligenciada e invisibilizada nas esquinas das cidades, a pergunta-problema que cercou este trabalho foi: como elaborar um livro-reportagem que dê um olhar humanizado sobre a vivência de mulheres trans e travestis a fim de diminuir o preconceito contra essa comunidade? O objetivo principal foi produzir uma peça que retratasse a infância e adolescência de mulheres transexuais e travestis a partir de suas percepções de desenvolvimento e maturação após as violências sofridas ainda em tenra idade, tenham sido elas familiares, escolares, verbais ou físicas, além de compreender como suas trajetórias e caminhos foram moldados por esse ciclo estruturante e transfóbico que fundamenta a sociedade brasileira.

O mapa da violência contra mulheres trans e travestis mostra ódio presente em cada caso de assassinato, geralmente caracterizado por diversos tiros, apedrejamentos e decapitações, o que denuncia a transfobia como centro do sofrimento. Por isso, dá-se a importância de produzir um material com um olhar genuíno e humanizado sobre essa vivência e experiência identitária, para que enfim a existência e resistência travesti seja respeitada. Para a produção do livro-reportagem, foi necessário entrevistar mulheres trans e travestis, a fim de compreender e analisar como as violências sociais durante a infância e adolescência foram capazes de alterar a realidade dessas pessoas. Além disso, para

⁴ QUERINO, Rangel. **PAÍS QUE MAIS MATA TRANS NO MUNDO, BRASIL É TAMBÉM O QUE MAIS ACESSA PORNÔS DO GÊNERO, REFORÇA PESQUISA**. São Paulo, 15 maio 2018. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/05/pais-que-mais-mata-trans-no-mundo-brasil-e-tambem-o-que-mais-acessa-pornos-do-genero-reforca-pesquisa>>. Acesso em: 02 set. 2019.

⁵ RÉGIA DA SILVA, Vitória. **Transfobia: 11 pessoas trans são agredidas a cada dia no Brasil**. Gênero e Número, 2019. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/transfobia-11-pessoas-trans-sao-agredidas-a-cada-dia-no-brasil-2/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

embasamento do estudo, foi necessário agrupar uma pesquisa bibliográfica com obras que refletissem sobre o gênero, sexualidade e o corpo travesti; levantar dados que englobassem travestis e entender qual seria a importância da produção de um livro-reportagem para a comunidade trans que utilizasse o jornalismo humanizado como ferramenta principal.

Os números sobre a violência doméstica, familiar e os assassinatos de mulheres trans e travestis no Brasil justificam a necessidade de uma produção que busque dar um olhar humanizado sobre a trajetória dessa comunidade a fim de diminuir preconceitos. O livro-reportagem é um suporte que permite isso pela possibilidade de intensidade na busca pela compreensão de temas complexos. Tendo em vista que as mulheres trans e travestis são meras estatísticas representadas por tristes números nos noticiários, a produção de um livro-reportagem que humaniza essa vivência de forma empática objetiva preencher os espaços deixados por outros meios midiáticos, contemplando a função do livro-reportagem exatamente como aponta Lima (2009) em sua obra *Páginas Ampliadas*.

Segundo reportagem de 2016 do Correio Braziliense⁶ sobre discriminação de travestis e acesso à educação, uma pesquisa do defensor público João Paulo Carvalho Dias, presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), mostrou que o país concentra 82% de evasão escolar de travestis e transexuais. Por isso, para além de um tributo à comunidade LGBTQIA+, o livro-reportagem em questão tem a intenção de servir como um material de reflexão para a sociedade em geral, na busca da empatia por meio de uma produção jornalística que humaniza a vivência travesti por uma experiência comum a todos os seres humanos: a infância. É importante, assim, entender as consequências da expulsão de casa, evasão escolar, violências sociais e estruturais, englobadas pelos institutos escola, Igreja e Estado, e como a transfobia perpetua um ciclo que parte da intolerância e leva à criminalidade e prostituição como caminhos para a sobrevivência trans no Brasil.

No tocante à construção do livro-reportagem, segundo Martinez (2009), o jornalismo literário agrega técnicas de escrita às boas práticas jornalísticas para

⁶ CUNHA, Thaís e HANNA, Wellington. **Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo**. Correio Braziliense. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

textos informativos e também cativantes. Dessa forma, a peça buscou, por meio desse modelo, construir uma narrativa que refletisse o papel da sociedade frente à realidade travesti, a partir do entendimento da urgência de atitudes civis e políticas públicas que transformem o cotidiano das mulheres trans e travestis, oferecendo dignidade e oportunidade. Para a concepção do produto, foi fundamental explorar o panorama dado pelas estatísticas através das vivências das fontes escolhidas, além de analisar os levantamentos feitos por associações de proteção, demonstrados anteriormente. Os dados foram importantes para entender a realidade, os relatos foram necessários para construir e imaginar o cotidiano, e os conceitos explorados na bibliografia foram essenciais para aplicação em contexto. Dessa forma, o trabalho buscou, a partir das entrevistas, traduzir estatísticas brutais em relatos empáticos que suscitasse a emergência de ação social que quebre o ciclo de violência contra a mulher trans e travesti no Brasil.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. A CONSTRUÇÃO DO CORPO TRAVESTI NA INFÂNCIA

O *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil*⁷, levantado em 2019 pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), apontou 13 anos como média de idade na qual mulheres trans e travestis são expulsas de casa. Para transpor esses números para a realidade, o obituário "Mortes: Transexual uniu a Santa Cecília na vida e na morte"⁸, divulgado pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 20 de setembro de 2019, mostrou um breve resumo em vida da Mishelly Luz, que saiu de casa para morar na rua aos oito anos de idade. A trans, que conquistou o carinho dos moradores do bairro Santa Cecília, na capital paulista, morreu aos 22 anos por complicações causadas por tuberculose.

As mulheres trans e travestis, entre exclusão, preconceito e falta de compreensão familiar, assumem grandes riscos em idades muito jovens. A primeira

⁷ BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

⁸ PASQUINI, Patrícia. **Mortes: Transexual, uniu a Santa Cecília na vida e na morte**. Folha de S. Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/mortes-transexual-uniu-a-santa-cecilia-na-vida-e-na-morte.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

escolha, como conta Marco Benedetti em "Toda feita: o corpo e o gênero das travestis", envolve a decisão de incorporar uma nova identidade. A transexualidade e travestilidade estão muito atreladas aos estereótipos de gênero, que implicam nessas mulheres meios para a montagem do corpo feminino, colocando a cirurgia plástica, o silicone e o uso de hormônios como caminho natural para o "tornar-se travesti". Essas mudanças, invasivas e perigosas, muitas vezes sem qualquer acompanhamento médico ou psicológico, podem causar ainda conflitos internos e consequências irreversíveis ao corpo.

Mesmo passando por todos os processos para a construção de signos corporais socialmente reconhecidos como pertencentes ao gênero de identificação, os transexuais não conseguiram se deslocar do destino biológico, uma vez que o gênero que significará "transexual" será o de nascimento. (BENTO, 2008, p. 44)

Ainda segundo Bento (2008), em sua pesquisa de campo no Hospital das Clínicas de Goiânia, a patologização da identidade transexual coloca o corpo como pertencente ao sexo biológico, negando a pluralidade de interpretações de sentido para os conflitos entre o corpo e a subjetividade do entendimento de gênero. Dessa forma, sob a ótica cisgênera, a travesti nunca será considerada uma mulher de verdade, ainda que se submeta a procedimentos estéticos e cirúrgicos a fim de se aproximar ao ideal do que se é considerado feminino. Esse processo dá origem a uma série de disputas de identidades, marginalizando as experiências identitárias como ideias simplistas e anormais fora dos padrões tradicionais heteronormativos.

Embora não existam dados sobre a morte da comunidade trans pela aplicação de silicone industrial, uma rápida pesquisa no google com as palavras-chave "travesti morte silicone industrial" apontam para matérias⁹ do "Diário do Nordeste", "A cidade on" e do "G1", que citam mortes por complicações na aplicação de silicone industrial, prática terminantemente proibida pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). O abandono parental de travestis e transexuais,

⁹ Levantamento feito pelo autor do projeto, Gabriel Nunes Silva Teles, em pesquisa no Google: Travesti morre após fazer implante de silicone industrial. Diário do Nordeste, 2019. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/travesti-morre-apos-fazer-implante-de-silicone-industrial-1.2091106>> Acesso em 18 de junho de 2020;

Travesti morre no HC após injetar silicone industrial nas nádegas. A cidade on, 2018. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/policia/NOT.0.0.1341443.Trasvesti+morre+no+HC+apos+injetar+silicone+industrial+nas+nadegas.aspx>> Acesso em 18 jun. de 2020;

Travesti morre em São Carlos, SP, após complicações por uso de silicone industrial, diz irmã. G1, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/travesti-morre-em-sao-carlos-sp-apos-complicacoes-devido-ao-uso-de-silicone.ghtml>>. Acesso em 18 jun. de 2020.

que são levadas a idades jovens a procedimentos estéticos ilegais, falta de acompanhamento médico, somado ao preconceito, violência transfóbica e periculosidade do viver na rua, são fatores que colaboram para que a expectativa de vida de transexuais no Brasil seja de 35 anos, metade da média nacional, como aponta matéria do portal de notícias do Senado, publicada em 2017¹⁰.

Tiago Duque (2012), em sua pesquisa de campo com travestis de Campinas, descobriu um grande paradigma ligado ao "tornar-se travesti" na adolescência.

Comecei a problematizar a experiência do "ser adolescente" em relação a esse pânico e descobri que o que se temia eram o incentivo e a visibilidade da experiência travesti na adolescência, e não necessariamente a prostituição na adolescência, mesmo porque as interlocutoras da pesquisa não se viam necessariamente como vítimas (DUQUE, 2012, p. 493).

Analisando diversas intervenções conduzidas por moradores em um bairro de Campinas contra a prostituição no local, o pesquisador em questão percebeu que a principal justificativa do pânico dessas pessoas era em relação à proteção dos adolescentes da inversão de convenções morais, e não havia necessariamente preocupação pela prostituição em si. O objetivo guiador dos protestos era fazer com que os jovens não desviassem das normas sociais ao se tornarem travestis, que nada tinha a ver com defendê-los dos perigos e consequências da prostituição. O pânico do povo de Campinas girava em torno do descobrimento da sexualidade e da experiência identitária na adolescência, período considerado pela tradição social precoce para discutir pautas relacionadas a gênero e sexualidade.

1.2. O PADRÃO ADOLESCENTE

Segundo Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), em "Subvertendo o conceito de adolescência", a teoria desenvolvimentista naturaliza práticas padronizadas na construção da juventude como uma fase universal do desenvolvimento humano. Assim, a ideia do adolescente fica estigmatizada a uma etapa pela qual todas as pessoas vivem de maneira uniforme e obrigatória. Nessa lógica, características distintivas e individualidades se perdem independentemente de tempo histórico e

¹⁰ BORTONI, Larissa. **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional**. Agência Senado, 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>>. Acesso em 18 jun. 2020.

contexto social. Então, essa etapa da vida fica submetida a um modelo marcado por essa série de fatores biologizantes e psicologizantes universais, que diferencia sujeitos normais daqueles que desviam das normas estabelecidas para cada período.

No entanto, a antropóloga norte-americana Margaret Mead (1951) mostrou, em suas pesquisas em Samoa, que a adolescência é um "fenômeno cultural" produzido pelas práticas sociais em determinados momentos históricos, que se manifesta de várias formas diferentes.

Quando se aceita a construção de uma identidade do sujeito na adolescência, além da produção de uma "identidade adolescente", afirma-se um determinado jeito correto de ser e de estar no mundo, uma natureza intrínseca a essa fase do desenvolvimento humano. (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 6)

Dessa forma, a universalização de um padrão adolescente pode criar uma identidade que aprisiona e limita o desenvolvimento de jovens, negando a multiplicidade de características e as diferenças entre os seres humanos. Já segundo Silva (1993), em "Travesti: a invenção do feminino", o cotidiano travesti revela uma enorme dimensão humana, repleta de contradições, perplexidades, nobreza e miséria. Enfim, considerar a adolescência como um período de experiências iguais para as pessoas, devendo essas, também, serem tratadas num mesmo contexto, sejam elas homens cis e transgêneros, mulheres cis e transgêneras, exclui todas as possibilidades incluídas nos espectros de vivências individuais, desconsiderando aspectos raciais, geográficos e políticos, além da particularidade do ser humano e a forma de cada um lidar com o mundo.

1.3. PAPEL DO LIVRO-REPORTAGEM NA RECRIAÇÃO DE HISTÓRIAS

A ideia de mapear a realidade travesti no Brasil faz parte do objetivo de iluminar questões sociais negligenciadas e apontar o conhecimento como solução para redução de preconceitos. O jornalismo funciona, assim, como instrumento básico de informação e instrução. "Para mim, a natureza do Jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer" (PENA, 2018, p. 25). Dessa forma, a produção de um livro-reportagem sobre a infância de travestis que foram expulsas de casa ilustrará

uma realidade muitas vezes desconhecida, ignorada, ou que ainda não foi capaz de sensibilizar as pessoas para a situação de violência pela qual a comunidade trans é submetida ainda em idades muito jovens.

"Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade" (PENA, 2018, p. 103). Por meio do conceito de romance-reportagem definido por Pena (2018), o material produzido nesse ideal busca retratar o factual baseado em construções textuais típicas da literatura, abordando a realidade com maior profundidade, alcançando uma representação direta por meio da contextualização e interpretação de acontecimentos. Pensando nisso, o livro-reportagem surge nesse contexto como uma vontade do jornalista de apurar temas com maior liberdade e estudo, encontrando nas páginas da produção o espaço que falta na imprensa tradicional.

Segundo o jornalista Edvaldo Pereira Lima (2004), em *Páginas Ampliadas*, o jornalismo oferece várias possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, adicionando recursos também da literatura à produção do livro-reportagem, garantindo ao jornalista a medida certa para depositar no material o máximo de seu potencial e de suas habilidades de comunicador.

Em outras palavras, entendo que o livro-reportagem, visto como subsistema do jornalismo, é dotado de universalidade porque sua linha temática vai dos escândalos financeiros no Itamaraty à defesa do consumidor, da solidão nas grandes metrópoles à pesca da baleia. (LIMA, 2004, p. 49).

O autor assume o livro-reportagem como um suporte que possibilita ao jornalista explorar e traduzir diversas facetas de um objeto específico estudado. Para ele, esse conjunto permite ao homem contemporâneo constituir um painel em mosaico de seu tempo. A universalidade do livro-reportagem é capaz de dividir a realidade em múltiplos prismas, que, focalizados, ajudam no alcance de uma visão completa do todo. Portanto, o produto complementa o papel da imprensa cotidiana, ampliando o conhecimento sobre um tema já conhecido mas ainda pouco explorado.

Ou seja, ainda que vulgarmente se saiba o que são mulheres trans e travestis e que se veja a marginalização dessas pessoas, estampada em números preocupantes em manchetes de jornais e relegada às esquinas das cidades, é importante encontrar um meio educativo que consiga explorar o cotidiano travesti por pontos de vista nunca ainda analisados. O livro-reportagem funciona, dessa

forma, como ferramenta ideal no que toca a profundidade permitida para exposição do tema, fornecendo os instrumentos necessários para abordar todas as complexidades de abordar o cotidiano travesti no Brasil.

1.4. JORNALISMO HUMANIZADO NO RETRATO DA MORTE TRAVESTI

Segundo relatório divulgado neste ano pelo Grupo Gay da Bahia¹¹, o Brasil registrou 141 mortes de pessoas LGBT entre janeiro e maio de 2019, o que resulta em uma morte a cada 23 horas. Das 141, 126 foram homicídios enquanto 15 foram suicídios. As notícias relacionadas à violência LGBT chamam sempre atenção para os números, que são assustadores, e para as causas da morte, que têm a arma branca, arma de fogo e espancamento na liderança. O lide e a pirâmide invertida, ferramentas recomendadas e utilizadas por jornalistas nas redações, consistem na construção de uma matéria a partir de uma ordem objetiva que almeja a imparcialidade e a sintetização do principal fato da matéria. Entretanto, esses mecanismos são incapazes de interpretar os números da violência ou de analisar o fenômeno social da LGBTfobia a fim de entender e educar os leitores para a diversidade.

Sob o viés do pensamento da pesquisadora Cremilda Medina, para que o cotidiano seja compreendido e presentificado, faz-se necessário “romper com as rotinas industriais da produção da notícia, superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais” (MEDINA, 2003, p. 92). Dessa forma, dá-se a importância do jornalismo humanizado, que surge como alternativa à padronização da informação, possibilitando a experimentação do diferente pela vivência com a fonte, num processo de contextualização de acontecimentos, realidades, exigindo maiores percepções de um objeto estudado.

Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, p. 28)

Para a pesquisadora, o autor da reportagem “abandona a arrogância de dono da verdade e mergulha com delicadeza no pântano anônimo do cotidiano incerto e

¹¹ Relatório parcial por ocasião do Dia Internacional contra a Homofobia. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/05/relatc3b3rio-ggb-parcial-2019.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

não sabido” (MEDINA, 2003, p.135). Assim, o fazer jornalístico adquire diversos significados num processo de reflexão acerca do mundo, a reportagem ganha identidade com protagonistas representados por pessoas comuns com problemas relacionáveis, e o jornalismo humanizado surge como meio capaz de compreender fenômenos sociais a fim de revelar as ações dos sujeitos com a contextualização e interpretação dos fatos, considerando a sociedade além da matéria e produto textual.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1. DEFESA DO TEMA

Por fazer parte da comunidade LGBTQIA+, entendo que as pessoas trans são as mais atingidas pelo preconceito e violência social. Os dados levantados para esse trabalho de conclusão de curso apontam que essa experiência identitária na adolescência leva, na maioria das vezes, para um ciclo trágico de exclusão caracterizado em três etapas: violência familiar, evasão escolar e prostituição. Apesar de homens gays e mulheres lésbicas sofrerem as consequências de viver em uma sociedade machista e homofóbica, entendo que as mulheres trans e travestis passam por um mal maior: a invisibilidade. Ainda que eu seja um homem gay e frequente espaços comuns à comunidade, mulheres trans e travestis foram sempre exceções ao meu redor. A série americana “Pose” (2018), que retrata o cenário LGBTQIA+ na Nova Iorque dos anos 80, é bem-sucedida ao apontar essa problemática. A protagonista, Blanca Evangelista (MJ Rodriguez), uma mulher trans, é expulsa de bares frequentados exclusivamente por homens gays. Ou seja, de outras décadas, arrasta-se uma repressão contra a comunidade trans dentro do próprio movimento de diversidade sexual.

Por isso, a importância da produção de um livro-reportagem que reflita sobre a existência e resistência trans na sociedade brasileira, a fim de que as histórias de infâncias conflituosas sensibilizem para realidades de mulheres resilientes que precisam de oportunidades e de acesso básico a serviços para que enfim sejam inseridas dignamente em sociedade. Segundo Lima (2004), o livro-reportagem é capaz de garantir a amplitude do estudo de um objeto e o aprofundamento de uma

temática, e baseado nesse conceito, justifica a minha escolha desse modelo como produto.

2.2. PLANEJAMENTO DE EXECUÇÃO

Para a construção da peça, minha tarefa básica e fundamental foi entrevistar mulheres trans e travestis para reconstruir suas infâncias e adolescências em histórias. No entanto, um problema global impediu esses encontros: a crise do novo coronavírus, que afetou a normalidade no ano de 2020. Como medida sanitária e preventiva da doença, o isolamento e distanciamento social. Dessa forma, precisei e utilizei a internet como meio de encontrar as fontes consultadas para a produção do livro-reportagem. Para isso, utilizei palavras-chave em buscas no Google, e encontrei matérias que citavam mulheres trans com histórias de superação, travestis militantes ou que palestravam sobre determinado tema. O ponto é: nesse caminho, cheguei nas fontes como se chega em um lugar distante sem mapa, perguntando de pessoa em pessoa. Em grupos nas redes sociais, pesquisando mulheres trans na caixa de busca do Twitter, encontrando travestis youtubers, conversei com uma série de pessoas até chegar àquelas que estão no livro.

As seis mulheres escolhidas para o projeto, detalhadas em 2.4., foram selecionadas por disponibilidade, por terem abraçado o projeto junto a mim, e pela diversidade de histórias, variando em diferentes recortes: de raça, região e idade. Assim, seus caminhos se cruzavam em sofrimentos semelhantes, mas se distanciavam pelas origens conflitantes.

Durante as conversas com as fontes, perguntei por detalhes da infância, reconstruindo um quebra-cabeça, dos brinquedos favoritos dos primeiros anos de vida aos dias na escola, construindo um relato jornalístico, utilizando a vivência trans no Brasil como estudo de caso para um projeto de história oral, fundamentando na memória o cânone principal para a reconstrução de suas vidas em um livro, capaz de promover a empatia e compreensão da problemática da exclusão social de mulheres trans e travestis. No livro, procurei evitar a precisão de datas, como por exemplo selar a idade com que uma fonte foi expulsa de casa ou ingressou no mercado da prostituição, porque, em seus relatos, os anos eram imprecisos e partiam da dúvida. Além disso, para muitas, a adolescência foi um período

traumático e revisitar esses tempos para a construção desse livro foi um exercício doloroso. Dessa forma, evitei me concentrar em detalhes supérfluos como a precisão das datas para que a entrevista não fosse algo exclusivamente científico, mas humanizado e empático.

2.3. ENFOQUE E ABORDAGEM

Para escrever, tive como maior inspiração o estilo e a linguagem de “Ricardo e Vânia”, livro-reportagem escrito por Chico Felitti (2019), que aborda a trajetória de Ricardo, apelidado ofensivamente de “Fofão da Augusta”. Nele, o autor não segue uma linha cronológica, mas recria a história do protagonista a partir de um relato. Chico se coloca como personagem, e assim como ele, também me inseri na narrativa a fim de transmitir parte da minha experiência na tentativa de traçar um panorama da realidade de mulheres trans e travestis no Brasil, descobrindo, junto ao leitor, vivências que também não são minhas. Na obra, o jornalista abusa de técnicas literárias, explorando diálogos e metáforas para a construção de um retrato humanizado sobre uma figura marginalizada. Assim, também busquei no meu trabalho de conclusão de curso criar uma narrativa leve e poética, com os tons adequados de estatísticas e dados.

A minha intenção foi, para além de retratar histórias de infância, criar um elo com o leitor - que provavelmente desconhece a fundo essas realidades - a partir uma vivência em comum: a juventude. O norte do trabalho era descrever como as consequências de terem sido expulsas de casa ou de terem sofrido violências na infância alteraram as suas realidades e moldaram as suas vidas hoje.

O tom do texto foi dado pelo jornalismo humanizado, frente debatida pela pesquisadora Cremilda Medina (2003) em “A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano”, no qual se levanta o papel do jornalista na construção de um texto que dê voz e reconstrua a história de personagens que não aparecem na mídia convencional. Tendo em vista as notícias de violência contra a comunidade trans e os crimes motivados por ódio e preconceito, o ideal é fugir do padrão e entender o fenômeno da travestilidade e transexualidade como retrato de uma experiência identitária fundamentalmente humana. A obra se aproxima da realidade trans por meio de recursos textuais que misturam a reportagem e o ideal de um romance-

reportagem, já descrito por Pena (2018) nessa pesquisa, garantindo um enredo mais leve para abordar questões sérias como abandono parental, violência doméstica e transfobia. O jornalismo humanizado, nesse contexto, desmembra os números da violência em histórias reais de mulheres trans e travestis que viveram as situações pinceladas pelos jornais e ignoradas pela sociedade. A ideia é universalizar a experiência travesti através da infância e adolescência, período que ainda sensibiliza a sociedade preocupada com o futuro dos jovens brasileiros.

2.4. DETALHE DAS FONTES

As fontes selecionadas para este trabalho de conclusão de curso foram mulheres trans e travestis sem idade pré-definida que tenham superado experiências traumáticas durante a infância e adolescência, além de uma psicóloga especializada em diversidade sexual e identidade de gênero.

Yasmin Bispo: diretora do projeto Traveshow, de performances artísticas feitas por mulheres trans e travestis, foi expulsa de casa na adolescência e sofreu abuso sexual pelo padrasto ainda muito jovem.

Erika Hilton: co-deputada do estado de São Paulo pela Bancada Ativista (PSOL), foi expulsa de casa na adolescência, prostituiu-se por anos até que voltou a estudar e na militância estudantil descobriu sua vocação para a política.

Maria Clara de Sena: primeira mulher trans a assumir um cargo em órgão internacional, mais especificamente no Mecanismo de Prevenção e Combate à Tortura, parceiro da Organização da Nações Unidas (ONU), e primeira a solicitar refúgio político em país estrangeiro por sofrer perseguição e ameaças de morte em território brasileiro por conta da sua identidade de gênero.

Anyky Lima: aos 65 anos de idade num país onde a expectativa para mulheres trans bate somente os 35, a costureira foi expulsa de casa aos 12 anos, morou na zona onde se prostituiu por anos e sobreviveu às violências da ditadura militar no Rio de Janeiro.

Aine Tadine: fugindo da curva considerada padrão para mulheres trans e travestis, Aine se aceitou para si e publicamente enquanto mulher trans somente depois dos

40 anos, tendo que assumir uma nova identidade para a sua família, esposa, sociedade e mercado de trabalho.

Rachel Towsky: minha amiga pessoal, Rachel teve uma transição com apoio da família e suporte médico, com uma adolescência tranquila e amorosa, ao contrário das outras fontes consultadas para este livro, oferecendo uma dose de esperança para as novas gerações.

Júlia Kaddis: psicóloga clínica e colaboradora do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS), do Hospital das Clínicas de São Paulo.

2.5. PROJETO GRÁFICO E ESCOLHA DA CAPA

Tendo a infância como norte temático do livro, a escolha tipográfica se baseou nesse conceito criativo, puxando o infantil no título da capa e nas chamadas dos capítulos. Já a construção do design da capa partiu da minha experiência pessoal. Minha sensibilidade pela situação de vulnerabilidade das pessoas trans no Brasil, como citei no livro-reportagem, partiu da minha visão sobre as esquinas de prostituição da cidade. Principalmente, na R. Quinze de Novembro, em Santos, no litoral paulista, onde cresci. Sendo uma cidade histórica e tendo seu centro dominado pela prostituição, as ruas são bem características pela arquitetura antiga e pelos grandes postes de luz, retratados na capa. Assim, a personagem ilustrada é uma criança abandonada nessa rua, e o leitor não entende o seu gênero pela imagem, justamente por essa ideia transitória e de construção identitária, dialogando assim com os relatos transcritos na obra.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pandemia da Covid-19, as pessoas experienciaram situações diferentes, das que passaram a quarentena tranquilas em casa, trabalhando em *home office* ou vivendo de suas economias, às que enfrentaram o desemprego, a crise econômica ou sofreram a perda de alguém próximo. Assim, ainda que tenha contatado diversas pessoas para a produção desse trabalho de conclusão de curso, não segui a entrevista com todas. Por diversas vezes tive confirmações de

participação em uma primeira conversa, que deixaram de responder logo em seguida. Por não saber que tipo de realidade a pessoa tinha, ainda mais se tratando de uma população em que 90% vive unicamente da prostituição, não insisti mais que duas vezes. E, assim, alterei as abordagens e os enfoques de projeto por diversas vezes, de acordo com as fontes que topavam participar - todas as incluídas na peça.

De início, a ideia era fazer visitas presenciais ao abrigo “Casa Florescer”, em São Paulo, que recebe mulheres trans e travestis em situação de vulnerabilidade social. Mas, com a pandemia, nem as visitas foram possíveis, nem o contato por telefone foi bem-sucedido. E dessa forma se deu também a prática de outras ideias. Nas orientações com a Profa. Dra. Mirtes de Moraes, alteramos o projeto até que ele tomasse a forma que se deu. Fiquei bastante feliz com o resultado e acredito que fui bem-sucedido ao responder a pergunta-problema "como elaborar um livro-reportagem que dê um olhar humanizado sobre a vivência de mulheres trans e travestis a fim de diminuir o preconceito contra essa comunidade?". O objetivo foi garantir e explorar um olhar humanizado a partir de uma vivência comum a todos os seres humanos: a adolescência, um período de maturação complicado que, apesar de comum a todos, funciona num padrão cruel e violento no caso de mulheres trans e travestis. A proposta foi sensibilizar, a partir de um retrato jornalístico da realidade trans, dando nomes e histórias reais às estatísticas brutais exibidas nos noticiários quando o tocante é a comunidade transexual brasileira.

Uma questão que me seguiu durante todo o projeto foi a imagética, se eu deveria ou não ilustrar minhas fontes ou aplicar fotos. Impossibilitado de produzir eu mesmo as imagens, por conta das restrições de encontros do novo coronavírus, escolhi por não pedir fotos de arquivo e nem solicitar que o designer do projeto fizesse ilustrações. O motivo é o mesmo mistério explicitado na introdução do livro-reportagem, que não busca dizer já na capa que o livro tem como tema as mulheres trans e travestis. Ocultando as suas aparências, o leitor é forçado a apelar ao imaginário, fundamental para a construção de uma ponte empática e forte. A narrativa é pautada em técnicas literárias, que ilustram dados e estatísticas em relatos e memórias de mulheres resilientes, e assim, acredito que o livro dispense a fundamentação com fotos, concentrando em sua essência o exercício de se imaginar naquelas histórias.

O livro-reportagem elaborado entende a importância da memória como produto histórico na construção de um contexto sócio-político e exalta a resistência travesti em território brasileiro. A pesquisa bibliográfica e a busca por dados foram essenciais para que eu, enquanto autor, compreendesse os espectros da realidade que retratava, e as entrevistas foram necessárias para associar o estudo científico à aplicação humana. Espero que, com esse mesmo olhar com o qual escrevi o livro, possa também elaborar pautas e construir a minha carreira no jornalismo tendo em vista o ideal de uma sociedade livre de preconceitos e igual em direitos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Org.). **D Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Garamond: 2006.

BOCCO, Fernanda; COIMBRA, Cecília; NASCIMENTO, Maria Lívia. **Subvertendo o conceito de adolescência**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

DUQUE, Tiago. **Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, 2012.

FELITTI, Chico. **Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor**. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

IKEMOTO, Luisa. **TRANSEXUAIS E TRAVESTIS SOFREM VIOLÊNCIA DENTRO DE CASA. Brasília, 2017**. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/transexuais-e-travestis-sofrem-violencia-dentro-de-casa>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

LOUREIRO, Gabriela. **AGRESSÕES EM CASA, DISCRIMINAÇÃO E RISCO DE MORTE: OS DRAMAS DAS 'REFUGIADAS' TRANS BRASILEIRAS**. Londres, 23 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37999436>>. Acesso em: 02 set. 2019.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>>. Acesso em: 10 set. 2019.

MEAD, Margaret. **Adolescencia y cultura en Samoa**. Buenos Aires: Paidós, 1951.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

PASQUINI, Patrícia. **Mortes: Transexual, uniu a Santa Cecília na vida e na morte**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/mortes-transexual-uniu-a-santa-cecilia-na-vida-e-na-morte.shtml>> Acesso em: 12 set. 2019.

POSE [Seriado]. Direção: Ryan Murphy. Produção: Janet Mock, Our Lady J, Lou Eyrich, Erica Kay. Estados Unidos: FX, 2018.

QUERINO, Rangel. **PAÍS QUE MAIS MATA TRANS NO MUNDO, BRASIL É TAMBÉM O QUE MAIS ACESSA PORNÔS DO GÊNERO, REFORÇA PESQUISA.** São Paulo, 15 maio 2018. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2018/05/pais-que-mais-mata-trans-no-mundo-brasil-e-tambem-o-que-mais-acessa-pornos-do-genero-reforca-pesquisa>>. Acesso em: 02 set. 2019.

SILVA, Hélio. **Travesti: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

Contato: gabrielnsteles@hotmail.com